“SE EU NÃO TIVER A MINHA BATEIA, QUEM VAI DIZER QUE SOU GARIMPEIRA?”: A MEMÓRIA, A IDENTIDADE E AS COISAS NO GARIMPO DE SERRA PELADA, AMAZÔNIA.¹

Marcia Bezerra²
Luis Ricardo Ravagnani³

Este ensaio fotográfico é resultado de experiência etnográfica entre os garimpeiros da Vila de Serra Pelada, estado do Pará, Amazônia. A ideia norteadora era a de mapear as relações entre *as pessoas e as coisas*, a partir das biografias de um grupo de narradores e seus *artefatos memoriais*, considerando a agência humana sobre os objetos e dos objetos sobre os humanos. Durante a pesquisa o repertório material do garimpo emergiu como matéria fundante no processo de constituição da identidade dos garimpeiros. Carteiras amareladas, pedaços das escadas dos barrancos, solas de *kichutes*, fragmentos de picaretas e bateias, fazem parte de coleções biográficas mantidas pelo que nelas há de individual, de vida vivida de cada um, e de coletivo, porque atuam como amálgama de histórias narradas por um sentimento de nostalgia que se con(funde) com a reivindicação de seus direitos mais humanos, e na qual a centralidade dos objetos revela que *as coisas constroem as pessoas*. (Miller 2005: 38)

Assim as ferramentas, atores não-humanos do garimpo, ativam a memória da *comunidade de trabalho* de D. Raimunda, ao mesmo tempo, em que tornam substantiva a condição de “ser garimpeira”. Sua bateia é uma “extensão protética” (Gosden 2001: 164; Gell 1998) acionada num ato técnico performático em que o movimento do corpo, das mãos, dos dedos, acompanha uma narrativa devaneante, aniquiladora do tempo e instauradora de uma paisagem [de] retorno à quadra, ao barranco, à cava do garimpo.

D. Raimunda não quis apenas mostrar que “foi assim que aconteceu e que esteve lá”, mas quis nos “levar lá”, envolvendo-nos em seu transe, encenado ali no quintal de sua casa, momentaneamente, transfigurado no garimpo do passado e, no qual, o nosso olhar foi mobilizado como autenticador da performance técnica que legitima a sua identidade. Nessa “etnografia da suspensão” – suspensão do tempo, do espaço e dos papéis – tornamo-nos cúmplices, participantes; não mais, e apenas, observadores.

¹ Pesquisa realizada pelos autores no âmbito do Programa de Prospecções e Educação Patrimonial em Serra Leste, Curionópolis/PA. UFPA/Coord. Geral: D.P. Schaan.

² Universidade Federal do Pará, Brasil.

³ Universidade Federal do Pará, Brasil.

Figura 1 – Abertura - D. Raimunda e a Bateia. Foto: Marcia Bezerra.

Figura 2 - 1º Ato - Humanos e Não-Humanos. Foto: Marcia Bezerra

Figura 3 - 2º Ato - Corpo Técnico. Foto: Marcia Bezerra

Figura 4 - 3º Ato - Em suspensão. Foto: Marcia Bezerra

Figura 5 - 4º Ato - Em transe. Foto: Marcia Bezerra

Figura 6 - 5º Ato - Retorno. Foto: Marcia Bezerra

Figura 7 - 6º Ato - Extensão Protética. Foto: Marcia Bezerra

Figura 8 - Ato Final - Ser Garimpeira. Foto: Marcia Bezerra

Referências

GELL, A. *Art and Agency: an anthropological theory*. New York: Oxford University Press, 1998.

GOSDEN, C. Making Sense: Archaeology and Aesthetics. *World Archaeology* 33:163–167, 2001.

MILLER, D. (Ed.). *Materiality*. Durham: Duke University Press, 2005.

Recebido em: 10/11/2013

Aprovado em: 21/11/2013